

A GEOGRAFIA HUMANA* (INTRODUÇÃO)

MAX SORRE

Definição e lugar da Geografia Humana

Geografia, no sentido etimológico, significa *descrição da Terra*. E, com um consenso geral, da Terra, com tudo o que contém e do que é inseparável, de tudo o que vive na superfície e a anima, da humanidade que a transforma e enriquece com traços novos. Pensando nesta última, os gregos falavam do *ecúmeno*. Enquanto a Geografia Física estuda os elementos inertes e a Geografia Biológica se ocupa dos seres vivos, a Geografia Humana é a parte da Geografia Geral que trata dos homens e suas obras desde o ponto de vista de sua distribuição na superfície terrestre. É a *descrição do ecúmeno*.

Formas do relevo, estado da atmosfera e cursos dos rios, obras dos homens, se inscrevem em cada ponto da paisagem, enquanto expressão fisionômica de sua combinação. Esta imagem é cambiante. A imperceptível descida de cada grão de solo ao longo da encosta por efeito da gravidade ou as encurradas modelam o perfil da paisagem. Sem dúvida, a paisagem guarda sua individualidade dado uma aparente permanência à escala de nossa observação. E deve-a às relações sobre as quais descansa. Há mesmo uma relação entre a atividade agrícola e a natureza do solo e do clima. Por tudo isto, a paisagem se presta a uma descrição científica. Diremos, pois, também, que a Geografia Humana é *uma descrição científica das paisagens humanas e de sua distribuição no globo*. São duas definições que se correspondem e se completam.

* Traduzido de *El Hombre En La Tierra, Introducción*, Editorial Labor, S/A, Barcelona, 1967.

Porém cada elemento da paisagem é, por sua vez, o objeto de outras ciências, que também estudam os fenômenos de localização e distribuição. Um botânico ou um zoólogo, por exemplo, completam a descrição de uma espécie ou de um grupo mencionando o seu *habitat*, sua extensão geográfica. Donde vem a questão dos relacionamentos. Iria a Geografia fragmentar-se, incorporando-se a Geografia Humana à Sociologia e demais ciências do homem, como a morfologia responderia à chamada da Geologia, ou como a Geografia Biológica se integraria na Botânica ou na Zoologia?

Este perigo parece ilusório se se interpretam corretamente as definições iniciais. Duas características permitem que a Geografia e os ramos de sua divisão conservem sua autonomia. Em primeiro lugar, entre as ciências da natureza e do homem nenhuma outra situa em primeiro plano a localização dos fenômenos. A Geografia é *a disciplina dos espaços terrestres*. Sua originalidade reside na natureza dos objetos que descreve, se não na atitude mental que implica: é um estado de ânimo, um ponto de vista (H. Baulig). A representação cartográfica é um instrumento específico de expressão e de investigação. A Geografia traça, comenta e compara mapas.

Em segundo lugar, o homem da Geografia é o homem das *conexões* e dos *conjuntos*. Conexões próximas entre os elementos das combinações locais (relevo, clima, vegetação, obras do homem), conexões remotas entre fatos de toda classe na superfície da Terra – a prosperidade das sementeiras européias depende da marcha das depressões oriundas da América –. Hoje, mais que nunca, a Geografia Humana registra a repercussão em todas as partes dos acontecimentos que ocorrem nos países mais distantes, a interdependência que envolve todos os pontos do ecúmeno. sua tendência sintética nos convida a não separar jamais os traços de ordem humana do seu contexto físico e vivo. Este imperativo é, junto com a preocupação com a localização, o fundamento da unidade da Geografia. Por meio da unidade da Geografia adquirimos a consciência da unidade de nosso universo terrestre. O contexto físico e vivo representa o meio natural, ao passo que o meio humano é definido com a ajuda das ciências do homem, à frente da qual se encontra a Sociologia.

Deste modo, estabelecidos os laços originais e indissolúveis da Geografia Humana com todos os ramos da Geografia, nos damos conta de suas correspondências com o grupo das ciências do homem. Antropologia Somática e Fisiológica, Patologia, Psicologia Coletiva, Etnologia, Sociologia em todos os seus aspectos, inclusive o econômico. Estas ciências aclaram-lhe as condições de atividade dos grupos que integram o tecido do ecúmeno. Por sua parte, a Geografia fornece-lhes os elementos de localização e de síntese, a visão de mundo que acresce seu alcance e as fecunda. Tal é o caráter complexo da Geografia Humana, *terra marginal dentro do campo do conhecimento*.

Noções fundamentais da Geografia Humana

O primeiro problema da Geografia Humana consiste em elucidar as relações entre o homem e o meio, a partir do ângulo espacial. Trata-se de uma relação recípro-

ca, posto que por meio da técnica os homens modificam o ambiente natural, ao tempo que adaptam-se a ele. Re-criamos a cada momento nosso meio ao tempo que estamos submetidos a ele. Excetuando alguns casos, cada dia mais raros, a imagem do meio que descrevemos encerra uma parte considerável do esforço humano. Encontra-se ela humanizada por um jogo de ações mútuas. Este jogo é, propriamente, a matéria da Ecologia, ciência das relações entre os seres vivos e o meio, segundo Haeckel. Em boa parte, a Geografia Humana apresenta-se como uma *ecologia do homem*. Examinemos cada um dos termos dessa relação.

Em primeiro lugar, o conjunto dos grupos humanos, isto é, o *homo sapiens*, utilizando a linguagem dos naturalistas, que deve sua originalidade entre os seres vivos a quatro caracteres:

1.º.) Sua notável *plasticidade* é o segredo da ubiquidade na qual Darwin viu um privilégio único. Só a compartilham as espécies que evoluem a ele associadas, como o cachorro.

2.º.) Seu *alto grau de desenvolvimento mental* faz dele um inesgotável criador de técnicas, produto, primeiramente, do empirismo, a seguir de uma razão cada vez mais refinada. Uma forma específica de memória assegura a conservação da experiência adquirida, ao tempo que o aperfeiçoamento da ferramenta intelectual impede sua esclerose e dá origem a olhos vistos ao processo em cadeia do progresso técnico que é característico de nossa era. O homem é um ser capaz de adaptação ao meio. É mente, e por isto o domina.

3.º.) Este progresso se mostra especialmente eficaz no tocante à satisfação da necessidade da *mobilidade* espacial. As descobertas da arqueologia pré-histórica confirmam quão antiga é a aspiração da conquista dos espaços. Nosso triunfo nesse terreno supera todos os sonhos de ontem, diante da conquista dos espaços impossíveis.

4.º.) Por fim, nem a acumulação dos avanços e nem as vitórias da circulação podem ser imaginados fora das sociedades organizadas. Os naturalistas descrevem espécies vegetais e animais, às quais qualificam de sociais. Nenhuma delas apresenta um grau de sociabilidade tão alto quanto o gênero humano, um *animal político* (Aristóteles). No só vivem em grupos, mas no homem os elementos sociais estão incorporados a tal ponto à sua personalidade básica, que é inútil tratar de dissociá-los.

Estas quatro peculiaridades se manifestam em distintos graus na atividade dos homens. Representam a trama essencial do nosso ser. De modo que o geógrafo preocupar-se-á muito mais em por em relevo a importância delas que em fundamentar a Geografia Humana nas distinções a elas externas. Correria o risco de fragmentá-la numa poeira de geografias, cada qual pretendendo ser autônoma. Nunca se deve perder de vista a *profunda unidade* do homem, do homem inteiro em cada um dos seus atos e inclusive em suas contradições. O fato de reconhecer-se a unidade da Geografia Humana elimina o falso e fastidioso problema das geografias especiais.

A noção de ambiente ou meio cobrou toda sua significação com o triunfo das doutrinas evolucionistas e da idéia da adaptação. Todavia, sua análise nos põe de

manifesto toda sua riqueza. Num primeiro momento, aparentemente o meio se define como uma combinação de *traços elementares isolados*: situação geográfica, características do relevo, elementos do clima (temperatura, pressão, etc), composição da cobertura vegetal, estabelecimentos humanos, etc. Raramente o inventário desses traços é completo e seu significado varia com o uso que deles faz cada grupo humano. Sucede que eles não atuam de maneira isolada, mas em combinação uns com os outros: formam conjuntos ou, para sermos mais precisos, *complexos elementares*. Assim, por exemplo, seja qual for a tolerância térmica do homem da umidade, vemos à nossa frente um *complexo hidrotérmico*. Num outro exemplo, os seres vivos encontram-se incorporados em graus extremos a combinações determinadas pelo parasitismo e as simbioses, isto é, os *complexos biológicos*. Por fim, indústrias de diversa natureza aglomeram-se em associações regionais: são os *complexos industriais*, que os geógrafos analisam vendo as forças de atração que os agrupam e fazem deles verdadeiras unidades vivas. A noção de *complexo geográfico elementar*, cuja generalidade não foi posta até hoje em relevo no grau devido, possui uma fecunda aplicação em todas as esferas da Geografia Humana. Na eterna luta pela vida, o homem não só não se defronta com forças isoladas, mas ele mesmo intervém para formar novos núcleos em proveito próprio, como na associação de plantas de cultivo.

O pensamento de nossos predecessores esteve dominado pela prepotência do meio físico sobre o homem. Não temos mais entretanto porque nos preocupar com o problema do determinismo, que tanta tinta inútil fez correr. As vitórias da técnica sobre a natureza vêm concentrando nossos pensamentos na capacidade do homem, e isto no momento em que as análises dos sociólogos constituem a ciência das sociedades. Ao estudo do meio natural vem somar-se o do *meio social*, ou melhor dito, dos meios sociais. Quantos fatos ficam ininteligíveis se não se considera sua influência! Nossa idéia de ambiente se enriquece e se complexifica, já indicou Vidal de La Blache ao referir-se ao meio natural.

Todas as análises do meio encontram-se dominadas por considerações relativas ao espaço. Desde que existe uma Geografia Humana, põem-se em primeiro plano as noções de situação e área de extensão dos fenômenos. A *situação* pode ser absoluta, determinada pelas coordenadas geográficas, latitude, longitude, altitude, ou relativa, descrita em relação a outras características do desenho geográfico – grau de continentalidade, situação de enclave, posição frente às correntes de circulação, etc. Já a idéia de *área de extensão* inclui a de *limite*, inseparável dela e que apresenta diversos graus de determinação, desde o limite linear até a zona limite, com suas faixas de degradação (o mesmo valendo para a Geografia Natural).

Outra noção é a que proporciona um termo de trânsito entre a atividade dos grupos humanos e as propriedades do meio: o *gênero de vida*¹. Entende-se gênero de vida por um conjunto coletivo de atividades transmitidas e consolidadas pela tradição, graças às quais um grupo humano assegura sua existência em um meio determinado. Um conjunto de técnicas adaptativas do homem e do meio, no que comportam

de elementos mentais e intelectuais. O gênero de vida oferece o máximo de estabilidade em sociedades submetidas à tirania de um meio natural muito especificado (criadores nômades do deserto, esquimós). À medida que os homens vão se emancipando dessa sujeição à natureza, o centro da vida se desloca, a noção de gênero de vida se preenchendo – como acabamos de sugerir – de elementos sociais. Assim falar-se-á do gênero de vida dos operários das áreas de mineração, ou dos agentes das atividades de circulação, etc. Mas nem por isso o conceito perderá seu interesse.

O método da Geografia Humana

O respeito à unidade essencial da Geografia Humana exige que se rechace toda tendência à dispersão. Se, por motivos de comodidade didática orientada para uma preparação profissional, é permitido agrupar as manifestações das atividades econômicas sob um mesmo termo, convém saber que a expressão *Geografia Econômica* não tem mais que um valor de uso. *O homo oeconomicus* é um fantasma. O objeto de nosso estudo é o homem em si. Provaremos que as características essenciais da espécie humana atuam em uma diversidade de meios, que se transformam com a diversidade dos modos de vida, para desembocar na formação das paisagens humanas, isto é, no ecúmeno.

Isso determina a ordem dos capítulos deste livro. No da “plasticidade” evoca-se a faculdade de adaptação e de poder de expansão do homem na superfície terrestre, apesar da variedade dos meios climáticos, trológicos e vivos. Ela expandiu o ecúmeno por quase todo o globo. A seguir, dois capítulos porão de relevo como a inteligência, criadora das técnicas, se apropria do reino vegetal e animal. Desta forma, veremos surgir os traços das paisagens agrícola e industrial. Com um capítulo sobre a mobilidade analisaremos a luta do homem contra o espaço. A circulação de homens e bens utiliza neste triunfo sobre a gravidade os progressos das técnicas descritas anteriormente, cuja aceleração multiplica seus efeitos. Esta aceleração está ligada à evolução das formas de vida social, termo ao qual damos um sentido muito amplo, já que engloba as formas mais elevadas de atividade. A cidade é a expressão concreta dessas relações sociais. Ao longo dessas considerações veremos aparecer os elementos característicos das paisagens humanas. Para responder à vocação sintética da Geografia, agruparemos estas paisagens em dois capítulos. Situando-as em suas conexões, reconstituiremos uma imagem global do ecúmeno. Seja pelos desequilíbrios que apresenta, seja pela aceleração mesma de sua evolução, o ecúmeno coloca para o observador problemas angustiosos. A missão da Geografia Humana não consiste em resolvê-las, mas em fazer compreender suas origens e época.

¹ Sobre a noção fundamental de gênero de vida, ver Vidal La Blache, *Os Gêneros de Vida na Geografia Humana*, *Annales de Géographie*, 1911, páginas 193-312 e 289-304, e atualização por Sorre em *A Noção de Gênero de Vida e Seu valor Atual*, *Ibid*, 1948, págs. 97-108 e 193-204 (Publicado no Boletim Geográfico, IBGE, respectivamente números 172 e 173).

Tal é a ordem que segue este livro. Sua execução impõe algumas precauções. Por encontrar-se o estudo do homem no centro do quadro natural, convém guardar-se de um determinismo simplista e caduco. Tudo quanto afeta o homem está *contaminado de contingência* (Vidal La Blache). Seus atos não são unicamente resultados de uma composição de forças externas. Ele escolhe entre as possibilidades com que lhe brinda a natureza. Pode renunciar a algumas delas, e às vezes, ao descrevê-lo em uma área humanizada temos a impressão de que as coisas podiam ser distintas. Guardemo-nos, entretanto, de substimar a pressão do meio, porque junto ao campo de possibilidades encontram-se também as parcelas vedadas. Não há contradição real, para um espírito reflexivo, entre o profundo adágio baconiano *Natura non vincitur nisi parendo* e a afirmação de certa contingência.

A relatividade de nossas explicações se nos mostra quando se considera a gênese das paisagens. Têm um certo passado e certos traços que surpreendem a nossa mentalidade não são às vezes mais que um legado deste passado esquecido. O desenvolvimento contemporâneo dos estudos de história agrária pôs em relevo os serviços que a Geografia pode esperar dos historiadores. Não obstante, há que guardar-se de confundir ambas disciplinas. Para o geógrafo, o que conta é unicamente a imagem atual. Não concede valor ao processo evolutivo em si. Para ele é só um modo de explicação. Por outro lado, a História é mais rica em hipóteses que em certezas, o que não diminui o alcance dos serviços recíprocos.

Na maioria das civilizações atuais combinam-se traços locais e elementos que são comuns com outras culturas separadas por obstáculos da distância. Até a civilização chinesa, tão original, é um sincretismo. Como explicar a comunidade de elementos culturais? Tem havido transferências de elementos isolados: sua probabilidade de êxito tem sido todavia tanto maior quanto menos perturbada tenha sido a sua introdução no complexo autóctono. Assim é com o milho, planta própria para papas, que se instalou folgadoamente nos domínios do milho europeu, que também o é. A troca da rena pelo cavalo nas bordas das estepes asiáticas se fez sem dificuldade. Esta lei da menor troca desempenhou indubitavelmente um papel no passado, como na introdução do metal nas culturas neolíticas. Talvez a difusão dos elementos culturais se tenha dado a partir de um centro de dispersão. Cabe lembrar que conjuntos culturais coerentes foram trasladados em bloco por povos em vias de expansão. A esta hipótese, chamada de *ciclos culturais* pelos etnólogos, opõe-se a possibilidade da aparição de técnicas em pontos distanciados, sob a pressão de meios equivalentes, por um fenômeno de convergência. Diante das teorias, o geógrafo, aberto a todos os esforços de explicação, não descarta nenhuma, mantém um *critério de disponibilidade*. Preocupa-se muito mais em abarcar o ecúmeno em toda sua rica complexidade, que reconstituí-lo partindo do ponto de vista subjetivo.

Por fim, não é possível fazer Geografia Humana sem imaginação. Esta tem sido sempre necessária. Onde falta a imaginação não há sentido da diferença, ou seja, da originalidade de cada combinação local. Hoje ela é mais indispensável que em qualquer época anterior. O progresso científico transformou completamente as condi-

ções da existência de milhões de seres humanos. Nossas civilizações modernas são civilizações de massa, e os números que manipulamos são incomensuráveis comparados aos de ontem. Todas as nossas escalas mudaram, e, com elas, a natureza mesma das coisas que serviam para medir e avaliar. O ecúmeno incorporou espaços proibidos aos homens. Transborda do Cosmos. Noções fundamentais, como situação, sobre as quais um Ratzel, um Mackinder, baseavam sua Geografia Política, não tem já a mesma significação. Até as categorias primárias de nossos pensamentos, como as do espaço e do tempo, foram afetadas. Sem perder nada da riqueza humana de nossos predecessores, hoje nos vemos forçados a re-criar o ecúmeno como uma *imaginação remoçada*.

O humanismo da Geografia Humana

Esforcei-me por dar à Geografia Humana o grau de rigor de que é susceptível, assim como o da serenidade. Espero que se reconheça o livre esforço de um pensador desejoso de desterrar do seu campo de estudo tudo aquilo que possa vedar a sua visão. Devo muito a amigos estrangeiros, ingleses, alemães, italianos, norteamericanos, escandinavos, russos, japoneses, brasileiros e tantos outros. No universo inteiro, as escolas geográficas nacionais estão no auge já de alguns decênios, com o correspondente aumento dos que seguem nossas especulações. Quiséramos oferecer ao mundo o espetáculo de uma unidade espiritual de que tanto se necessita.

Esta foi a aspiração dos três mestres cujo nome pus à cabeça deste livro (Vidal La Blache, Flahaut e De Martonne), como há quarenta anos os coloquei à cabeça de minha tese de doutorado. Nosso mundo material é prodigiosamente distinto do que eles descobriram. Sua mente era o bastante aberta como para permitir-lhes aceitar as transformações experimentadas. Estavam no sentido autêntico e profundo do termos dos humanistas. Depois de Alexandre de Humboldt, de Carl Ritter e Elisée Reclus, ensinaram eles a seus discípulos que a Geografia Humana é uma disciplina humanista. Leia-se o *Princípios de Geografia Humana*, de Vidal de la-Blache. Medite-se sobre as quinze páginas da sua *Introdução*. Admirável lição de serenidade, que liberta a imaginação de quem a recebe! Acrescentar-se as novas evoluções impostas pela diferença do tempo é manter-se fiel a ela. Oxalá o leitor me haja escutado!